

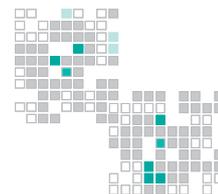
Comunicação e história: relações, conexões e comparações

Com esta trigésima segunda edição a *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* celebra seus 15 anos de existência. Lançada no segundo semestre de 2004, tem como objetivo principal promover a difusão, a democratização e o fortalecimento do pensamento comunicacional latino-americano. Também busca ampliar o diálogo com a comunidade acadêmica mundial e contribuir com o desenvolvimento integral da sociedade no continente.

Na trajetória dos seus quinze anos, a *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* se apresenta como um veículo capaz de corresponder à riqueza da produção científica do vasto campo das ciências da comunicação. Pelas contribuições que presta à difusão de novos conhecimentos gerados, por meio dos conteúdos editoriais que privilegiam o olhar latino-americano sobre as questões e desafios do campo da comunicação, mas que não se reduzem somente a ele, acreditamos que a Revista ALAIC cumpre sua missão e supera todas dificuldades para manter-se sempre viva e relevante para pesquisadores e pesquisadoras de Comunicação. Dessa forma, tais conteúdos expressam os avanços da pesquisa científica em comunicação alcançados pela comunidade acadêmica da região e o papel do protagonismo da ALAIC na articulação dos grupos temáticos de trabalho, os chamados GTs ALAIC, que nos últimos anos têm sido objeto de dossiês temáticos em nossas edições. Além da manutenção de uma rica seção de artigos livres. Ao longo de sua trajetória, nossa revista, publicou 32 entrevistas com os fundadores e ex-presidente da ALAIC, além de especialistas e estudiosos de renome internacional. São fontes de consultas sobre o não apenas sobre o pensamento comunicacional, mas também de trajetórias de vida, como testemunhos da história, que, certamente contribuirão para a atual e para as futuras gerações de estudiosos da Comunicação.

Este número, ao contemplar o dossiê temático “Comunicação e história: relações, conexões e comparações”, vem bem ao encontro da celebração dos 15 anos deste periódico científico. O texto que inaugura esta edição é do saudoso Héctor Schmucler, cuja memória nos faz reconhecer seu grande legado nos estudos de comunicação na América Latina. O texto “América Latina: entre oportunidades y pendencias” foi apresentado na conferência inaugural do X Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, realizado em 2010 em Bogotá, na Colômbia, que teve como tema central “Comunicación en tiempos de crises entre lo global y lo local”. Vale lembrar que na época o mundo vivia as consequências da crise de 2008, que mexeu com as grandes economias mundiais e trouxe enormes problemas para os países em desenvolvimento, os subdesenvolvidos e os mais pobres.

Na conferência Schmucler propunha que, em tempos de crise, valeria indagar sobre as oportunidades e discussões que são oferecidas na América Latina e a necessidade de se encontrar um porto para onde ir. Oportunidade é uma abertura, um passo, uma possibilidade protetora para escapar da intem-



perança. O pendente se refere a uma dívida, “paira” como um lembrete, como ameaça ou como dor nas consciências individuais ou em preocupações coletivas. Nessa perspectiva o autor transitava na conferência pela conjuntura latino-americana.

Achamos muito oportuno, também, antes do artigo Héctor Schmucler, incluir as palavras proferidas por Eduardo Gutiérrez, da Pontificia Universidad Javeriana, que foi quem o apresentou na ocasião e assim se referiu a ele: “Héctor Schmucler: lecciones para la investigación en tiempos de crisis”.

O dossiê desta edição faz, literalmente, história, ao reunir vinte e sete artigos que refletem sobre as “relações, conexões e comparações entre comunicação e história”. Foi coordenado pelos professores Eduardo Gutierrez (Pontificia Universidad Javeriana, Colômbia), Celia del Palacio (Universidad Veracruzana, México), Marialva Barbosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil), Ana Paula Goulart Ribeiro (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil) e Mirta Varela (Universidad de Buenos Aires, Argentina). O dossiê buscou, a partir da agenda do grupo de trabalho da ALAIC “História da comunicação”, ampliar e incorporar, “além da história da comunicação e da mídia, questões relativas à memória mediada e midiática, às narrativas da história nos meios de comunicação, às formas de comunicação da história e memória, suas relações com os sentidos políticos e com a mutação das formas culturais, às novas tecnologias como formas de memória, às formas expandidas da memória, à transformação dos problemas e metodologias da história devido às mudanças políticas, sociais e culturais que ocorrem atualmente na América Latina, às histórias em disputa pelos sentidos coletivos sobre passado e o presente”.

Raul Fuentes-Navarro abre a edição com o artigo “Tres legados metodológicos para la historia de la investigación de la comunicación en América Latina”, com o objetivo de empreender uma meta-investigação da comunicação e suas contribuições metodológicas na história dessa especialidade por meio de três teóricos falecidos recentemente, como forma de reconhecimento e homenagem aos seus legados: o boliviano Luis Ramiro Beltrán Salmón (1930-2015), o mexicano Carlos Gómez-Palacio y Campos (1945-2016) e o brasileiro José Marques de Melo (1943-2018). A seguir, Tiago Barcelos Pereira Salgado e Maria Ângela Mattos adentram o campo etimológico da palavra “comunicação” em “De volta à comunicação: um percurso histórico-etimológico” e concluem que “o termo ‘comunicação’ adquire, sobretudo, sentido midiacêntrico e antropocêntrico em sua trajetória histórica”.

A construção da memória no nosso passado recente e sua relação com os meios de comunicação e da memória como problema comunicativo são os pontos de reflexão, respectivamente, de “A construção da memória de um operário da tribuna metalúrgica: histórias de vida e de militância”, de Barbara Heller, Priscila Ferreira Perazzo, Cristine Gleria Vecchi e Lérica Gherardini Malagueta Marcondes de Mello, que analisaram a “narrativa oral de um operário ligado ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e sua atuação na *Tribuna Metalúrgica* e no *Suplemento* para entender a construção de sua memória sobre a produção e distribuição do jornal quando esteve sob intervenção, durante a ditadura militar no Brasil”. O regime de exceção das ditaduras, que infelizmente fizeram parte da construção do continente latino-americano, também é objeto de pesquisa de Guillermo Salvador Ortega Vázquez, que abordou como casos de estudo os arquivos digitais *Memoria abierta*, da Argentina, e *Archivos de la represión*, do México, em “La memoria como problema comunicativo: genealogía y construcción conceptual de los medios de memoria – el caso de *Archivos de la represión* y *Memoria abierta*”.

“De la historia a la memoria: desplazamientos para pensar el lugar de la ficción televisiva en la construcción de sentidos sobre el pasado”, artigo de Janny Amaya Trujillo e Adrien José Charlois Allende, defende o uso da categoria “memória cultural” como marco teórico e conceitual adequado para compreender o papel dos meios de comunicação em geral, focando na ficção televisiva, como construção social de sentidos sobre o passado. Ana Regina Barros Rego Leal e Marialva Carlos Barbosa refletem

sobre as fenomenologias do tempo e da memória, ambas propostas por Paul Ricoeur (2010, 2012), com o intuito de contribuir para repensar a historiografia da comunicação”, em “Tempo, memória e história da comunicação: um passeio teórico em torno de Paul Ricoeur”.

E, por falar em tempo, o tempo atemporal é o fio condutor de Paola Madrid Sartoretto e Markus Lundström na sua análise de como as plataformas digitais modificam a ação coletiva e a mobilização social na América Latina, em “Memória coletiva e mobilização em um tempo atemporal”. O coletivo também está em foco no artigo seguinte, “Memória e esquecimento como sinal de luta: relatos de camponeses brasileiros e angolanos”, escrito por Flávia de Almeida Moura e Larissa Leda Rocha, no qual as autoras cruzam relatos de camponeses brasileiros e angolanos. A partir daí, refletem “sobre relações entre comunicação e memória a partir de trabalhos de campo, baseados em entrevistas e observações, realizados no estado do Maranhão e em três províncias do sul de Angola – Benguela, Huambo e Huíla”.

Digital e impresso compõem os objetos de investigação dos dois artigos seguintes. “Memória, história e narrativas: a rememoração do 11 de setembro no Twitter”, de Rosali Maria Nunes Henriques e Cristina Ferraz Musse, discute, a partir de comentários nessa rede social sobre o 11 de setembro, os conceitos de história, memória e narrativa na contemporaneidade. Netília Silva dos Anjos Seixas e Jessé Andrade Santa Brígida, em “Zona de contatos da memória: impressos do século XIX, Pará, Brasil”, observam, nos jornais publicados no interior do Pará, no século XIX, quais memórias sobre o local emergem dos enunciados e das enunciações.

Já a seguir, passamos da investigação das diferenças entre meios como catalisadores de sentidos da memória para a memória das organizações e a compreensão do papel da narrativa na memória e na história, em “Memoria e historia narrativizadas: estrategias comunicacionales en las organizaciones Renault y Petrobras”, de Larissa Conceição dos Santos, e “Comunicação e memória organizacional: para além da produção de narrativas representacionais”, de Renata Andreoni e Cleusa Maria Andrade Scroferneker.

Monica Rebecca Ferrari Nunes e Marco Antonio Bin recuperam os relatos radiofônicos transmitidos no dia do golpe militar no Chile em recuperação e edição do Museo de La Memoria y los Derechos Humanos (mais uma vez temos a memória de ditaduras não tão distantes na história da América Latina), em “Socialismo con olor a empanadas y vino: tinto: memorias de radio del derrocamiento de Salvador Allende”. Em seguida, um artigo que trata das “Origens da problemática teórica da falsa notícia no pensamento jornalístico da Europa e América”, de Francisco Rüdiger, se valendo da história das ideias e considerando dois cenários, o europeu e o norte-americano. As “falsas notícias” que podem, contemporaneamente, colocar democracias em risco, não são tão novas assim na história do jornalismo.

Valentina Arias, autora de “De la carte-de-visite al sexting: historia de la representación sexual del cuerpo femenino”, vai desde os registros fotográficos vitorianos até as práticas sexuais digitais para investigar a relação entre imagem e sexualidade do corpo feminino. Em outra direção, “Midiatização em perspectiva genealógica: o CAVE e a história da mídia evangélica no Brasil”, de Marcio Tavares D’Amaral e Priscila Vieira-Souza, investiga, “em perspectiva genealógica, como a mídia evangélica se desenvolveu no país, examinando as condições de midiatização desse segmento social”.

O rádio reaparece como condutor da memória nos dois artigos seguintes: “Radiodifusora Nacional de Colombia: desencuentros en los ideales de la “alta cultura”, de Jose Perilla, que foca na programação da Radio Nacional de Colombia (RNC) durante o século XX, e “Apuntes para la historia de la radio comunitaria en México, de Juan Daniel Montaña Rico. O México também é o gancho para o trabalho seguinte, de Hector Daniel Torres Martinez, que documenta e analisa as principais experiências da imprensa guerrilheira mexicana em “Comunicación y revolución:

análisis sobre la prensa guerrillera en México durante la segunda mitad del siglo XX”.

Glauber Tiburtino e Igor Sacramento contribuem com “Correr para viver mais? O método *cooper* e a construção discursiva da corrida como prática de saúde na imprensa carioca (1970-1979)”, concluindo que “a popularização da corrida de rua se relaciona com avanços do processo de medicalização da vida cotidiana, que tem como uma das consequências a responsabilização individual pela saúde a partir das escolhas de estilo de vida”. Nada mais atual. Nada mais atual, também, que refletir sobre a morte e sua memória midiaticizada tendo como caso emblemático o assassinato do jornalista Vladimir Herzog pela ditadura brasileira. Em tempos de ódio à imprensa e aos jornalistas, “A morte e a produção da memória midiaticizada: acontecimento e comemoração sobre ‘Vladimir Herzog’”, de Marcella Maria Monteiro Vieira e Renata Rezende Ribeiro, faz parte de uma pesquisa ampliada, que investiga narrativas da morte em diferentes espaços midiáticos. A morte aparece a seguir também em “Ler jornais. Aprender história. A descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon na imprensa portuguesa”, de José das Candeias Sales e Susana Mota, que aprofunda a relação entre mídia e arqueologia, bem como as concepções de história, em particular a do Egito antigo.

Quanto mais avançamos para o final do dossiê, mais evidente fica a importância da memória perpassando o tempo presente e seus desdobramentos. Em “Periodismo, crisis social y polarización política: Chile 1970-1973”, Eduardo Luis Santa Cruz propõe uma interpretação do fenômeno da polarização política a partir do jornalismo como ator social e político. Iñigo Fernández enfrenta as dificuldades do campo emergente da história digital no México em “Retos que afronta la historia digital en México”, apontando os desafios epistemológicos, formativos e tecnológicos do empreendimento.

“Los usos de la historia en los comienzos de la radio argentina”, reflete, por sua vez, Sylvia Saítta, sobre o papel da radiodifusão e radioteatro histórico nos anos 30 como meio de afirmação da identidade nacional argentina, em um período de consolidação da industrialização naquele país. É na Argentina também o território do artigo seguinte, “Comunicación pública de la ciudad como territorio de identidades, historias y memorias”, de Malvina Eugenia Rodríguez, que toma o bairro da cidade de Villa María como território de observação de narrativas cidadãs, em parceria de pesquisa do município com a universidade pública.

Os dois artigos que fecham o dossiê desta edição se dedicam a ir além das fronteiras da América Latina. “De las calles de Madrid a las fondas de Santiago: dos poetas ciegos ante una guerra caribeña (1895-1898)”, escrito por Jaddiel Díaz Frene, explora a formação de uma esfera pública transnacional nas ruas de Madrid e Santiago do Chile, a partir das folhas avulsas sobre a guerra de independência de Cuba (1895). Fechando, Guilherme Curi avança mais, com “Além das fronteiras: a Liga Andaluza de Letras Árabes no Brasil do século XX”, que se volta para a “história da literatura e do Renascimento Árabe Moderno”, observando que seus momentos decisivos aconteceram na diáspora, cujo principal representante é justamente a Liga Andaluza de Letras Árabes, composta por intelectuais imigrantes sírio-libaneses. Finalizamos o dossiê com várias relações, conexões e comparações entre comunicação e história, com um painel diverso de artigos que se concentram em variados aspectos, históricos e também contemporâneos, sobre o tema ao qual se dedica.

Na seção “Artigos livres”, Danilo Rothberg e Laís Alves Prates analisam a governança hídrica, recurso que se mostra preocupante com cada vez mais períodos de seca ou chuva fora do normal no estado de São Paulo: “Comunicação pública e governança hídrica: a qualidade da informação na gestão participativa das águas”. Rumando ao Rio de Janeiro, em “Reformas urbanas no Rio de Janeiro: contextos discursivos de resignificação do Porto Maravilha”, Vania Oliveira Fortuna, Ricardo Ferreira Freitas e Érica Oliveira Fortuna investigam “o contexto amplo discursivo da

“revitalização” da zona portuária do Rio de Janeiro, o Porto Maravilha”.

Em “A comunicação no trabalho: laços entre Brasil e França”, Claudia Nociolini Rebechi discute as relações das perspectivas dos dois países na atividade de “relações públicas na primeira metade do século XX, especialmente nos anos 1950 e 1960”. Daí, um salto para a narrativa transmidiática e gamificada de “Bem-vindo ao novo mundo: imergindo na narrativa gamificada da série televisiva *Westworld* (WW)”, de Lynn Rosalina Gama Alves. Fechando a sessão, “O discurso publicitário dirigido a crianças em comerciais de brinquedo: a cristalização do binarismo de gênero”, de Manoela Pagotto Nodari e Priscilla de Oliveira Martins-Silva, examina como “as relações de gênero têm sido exploradas no discurso dirigido às crianças em comerciais de brinquedo”. Tema controverso, mas de extrema importância, pois chama a atenção para a construção de estereótipos de comportamento humano reproduzidos desde a tenra idade.

Chegando à seção “Entrevista”, temos a honra de contar com a entrevista realizada por Eduardo Gutiérrez com Jesús Marín-Barbero pessoalmente, dias antes do isolamento social imposto pela circulação do novo coronavírus. “Constelaciones de memoria e historia: una entrevista a destiempos con Jesús Martín-Barbero” nos fala, de forma lúcida, sobre questões contemporâneas e sobre um enigma que se abate sobre o Brasil desde 2018: o que é a nova política? “La nueva política es la que asuma realmente las mayorías que son los que no cuentan. No son solo los pobres, ellos cuentan, pero hay otros que ya no cuentan. Hace años vengo disfrutando la polisemia del verbo contar en castellano, es saber narrar tu vida, tu lucha; es también ser tenido en cuenta y también es saber hacer cuentas. Saber contar nuestro cuento para ser tenidos en cuenta a la hora de las cuentas”. Para aprender mais, vale ler a entrevista.

Por fim, “A experimentação como resistência estética no contexto da ficção televisiva”, texto escrito por Anderson Lopes da Silva, trata do livro *Reimagining Brazilian television: Luiz Fernando Carvalho's contemporary vision*, de Eli Lee Carter, dá destaque ao trabalho de Luiz Fernando Carvalho como um dos mais ativos diretores do Brasil. “Aqui são discutidos como o modo *sui generis* de produção desse diretor e seu desenvolvimento de uma estética experimental são tidos como uma possível reação ao gênero dominante da telenovela na grade televisiva da maior emissora nacional (TV Globo)”, resenha Lopes.

Com mais este número a *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* celebra seus 15 anos de existência e esperamos que continue a ser uma publicação científica construtiva, base para o debate dos principais temas contemporâneos e históricos das ciências da comunicação. Que os nossos leitores possam realizar uma leitura tranquila da memória e comunicação que se entrelaçam nas nossas vidas coletivas e pessoais.

Registramos nossos agradecimentos a todos os que contribuíram para que chegássemos até a este número 32: aos autores, pela submissão dos seus trabalhos; aos pareceristas, pela significativa contribuição; e aos integrantes da equipe editorial, pela dedicação de sempre. Um reconhecimento especial aos coordenadores do dossiê desta edição pelo importante trabalho desenvolvido em todo o processo de produção.

Boa Leitura!

Margarida Maria Krohling Kunsch
Maria Cristina Palma Mungoli
Daniela Osvald Ramos
Editoras

Comunicación e historia: relaciones, conexiones y comparaciones.

Con esta trigésima segunda edición, la *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* celebra sus 15 años de existencia. Lanzada en el segundo semestre de 2004, tiene como su objetivo principal, promover la difusión, democratización y fortalecimiento del pensamiento comunicacional latinoamericano. Busca también expandir el diálogo con la comunidad académica mundial y contribuir con el desarrollo integral de la sociedad en el continente.

En el transcurso de sus quince años, la *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* se presenta como un vehículo capaz de corresponder a la riqueza de la producción científica en el vasto campo de las ciencias de la comunicación. Por las contribuciones que realiza en la difusión de los nuevos conocimientos generados, por medio de los contenidos editoriales que privilegian la mirada latinoamericana sobre las cuestiones y desafíos del campo de la comunicación, pero que no se reducen a él solamente, creemos que la Revista ALAIC cumple su misión y supera todas las dificultades para mantenerse siempre viva y relevante para investigadores e investigadoras de la Comunicación. De esa forma, tales contenidos expresan los avances en la investigación científica en comunicación logrados por la comunidad académica en la región y el papel protagonista de la ALAIC, en la articulación de los grupos temáticos de trabajo, los llamados GTs ALAIC, que en los últimos años han sido objeto de los dossiers temáticos en sus ediciones, además del mantenimiento de una rica sección de artículos libres. A lo largo de su trayectoria, nuestra revista, publicó 32 entrevistas con los fundadores y ex presidente de la ALAIC, además de especialistas y académicos de renombre internacional. Son fuentes de consulta no solamente sobre el pensamiento comunicacional, sino también sobre trayectorias de vida, como testimonios de la historia, que ciertamente contribuirán para la actual y para las futuras generaciones.

Este número, al contemplar el dossier temático “Comunicación e historia: relaciones, conexiones y comparaciones”, está en sintonía con la celebración de los 15 años de este periódico científico. El texto que inaugura esta edición es del fallecido Héctor Schmucler, cuya memoria nos hace reconocer su gran legado en los estudios de comunicación en América Latina. El texto “América Latina: entre oportunidades y pendencias” se presentó en la conferencia inaugural del X Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación, celebrado en 2010 en Bogotá, Colombia, que tuvo como tema central “Comunicación en tiempos de crisis entre lo global y lo local”. Vale la pena recordar que en ese momento el mundo estaba experimentando las consecuencias de la crisis de 2008, que afectó a las principales economías del mundo y trajo enormes problemas a los países en desarrollo, los subdesarrollados y los más pobres.

En la conferencia, Schmucler propuso que, en tiempos de crisis, valdría la pena indagar sobre las oportunidades y discusiones que se ofrecen en América Latina y la necesidad de encontrarse un puerto al que se pueda ir. La oportunidad es una apertura, un paso, una posibilidad protectora para escapar de la intemperancia. Lo pendiente se refiere a una deuda, que “cuelga” como un recordatorio, como una amenaza o como un dolor en las conciencias individuales o en las preocupaciones colectivas. En esta perspectiva, el autor transitaba en la conferencia a través de la coyuntura latinoamericana.

Creemos que también es muy oportuno, antes del artículo Héctor Schmucler, incluir las palabras pronunciadas por Eduardo Gutiérrez, de la Pontificia Universidad Javeriana, quien

fue quien lo presentó en ese momento y así se refirió a él: “Héctor Schmucler: conferencias para la investigación en tiempos de crisis”.

El dossier de esta edición literalmente hace historia al reunir veintisiete artículos que reflexionan sobre las “relaciones, conexiones y comparaciones entre comunicación e historia”. Fue coordinado por los profesores Eduardo Gutiérrez (Pontificia Universidad Javeriana, Colombia), Celia del Palacio (Universidad Veracruzana, México), Marialva Barbosa (Universidad Federal de Río de Janeiro, Brasil), Ana Paula Goulart Ribeiro (Universidad Federal de Río de Janeiro, Brasil) y Mirta Varela (Universidad de Buenos Aires, Argentina). El dossier buscó, desde la agenda del grupo de trabajo ALAIC “Historia de la comunicación”, ampliar e incorporar, “además de la historia de la comunicación y los medios de comunicación, temas relacionados con la memoria mediada y mediática, a las narrativas de la historia en los medios de comunicación, a las formas de comunicación de la historia y la memoria, sus relaciones con los sentidos políticos y con la mutación de las formas culturales, a las nuevas tecnologías como formas de memoria, a las formas ampliadas de la memoria, a la transformación de los problemas y las metodologías de la historia debido a los cambios políticos, sociales y culturales que ocurren actualmente en América Latina, a las historias en disputa por los sentidos colectivos sobre el pasado y el presente”.

Raúl Fuentes-Navarro abre la edición con el artículo “Tres legados metodológicos para la historia de la investigación de la comunicación en América Latina”, con el objetivo de emprender una meta-investigación de la comunicación y sus contribuciones metodológicas en la historia de esta especialidad a través de tres teóricos recientemente fallecidos, como una forma de reconocimiento y homenaje a sus legados: el boliviano Luis Ramiro Beltrán Salmón (1930-2015), el mexicano Carlos Gómez-Palacio y Campos (1945-2016) y el brasileño José Marques de Melo (1943-2018). A continuación, Tiago Barcelos Pereira Salgado y María Ángela Mattos, ingresan al campo etimológico de la palabra “comunicación” en “Volver a la comunicación: un camino histórico-etimológico” y concluyen que “el término ‘comunicación’ adquiere, sobre todo, sentido mediocéntrico y antropocéntrico en su trayectoria histórica”.

La construcción de la memoria en nuestro pasado reciente y su relación con los medios de comunicación y de la memoria como un problema comunicativo son los puntos de reflexión, respectivamente, de “La construcción de la memoria de un trabajador de la tribuna metalúrgica: historias de vida y militancia”, por Barbara Heller, Priscila Ferreira Perazzo, Cristine Gleria Vecchi y Lérica Gherardini Malagueta Marcondes de Mello, quienes analizaron la “narrativa oral de un trabajador vinculado al Sindicato de los Metalúrgicos del ABC (región de São Paulo) y su actuación en la *Tribuna Metalúrgica* y en el *Suplemento* para comprender la construcción de su memoria sobre la producción y distribución del periódico cuando estaba bajo intervención, durante la dictadura militar en el Brasil”. El régimen de excepción de las dictaduras, que desafortunadamente formaron parte de la construcción del continente latinoamericano, también es objeto de investigación por parte de Guillermo Salvador Ortega Vázquez, quien abordó como casos de estudio los archivos digitales *Memoria abierta*, de Argentina, y *Archivos de la represión*, de México, en “La memoria como problema comunicativo: genealogía y construcción conceptual de los medios de memoria - el caso de *Archivos de la represión* y *Memoria abierta*”.

“De la historia a la memoria: desplazamientos para pensar sobre el lugar de la ficción televisiva en la construcción de significados sobre el pasado”, artículo de Janny Amaya Trujillo y Adrien José Charlois Allende, defiende el uso de la categoría “memoria cultural” como marco teórico y conceptual adecuado para comprender el papel de los medios de comunicación en general, centrándose en la ficción televisiva, como una construcción social de significados sobre el pasado. Ana Regina Barros Rego Leal y Marialva Carlos Barbosa reflexionan sobre las fenomenologías del tiempo y de la memoria, ambas propuestas por Paul Ricoeur (2010, 2012), con la intención de contribuir para repensar la “historiografía de la comunicación”, en “Tiempo, memoria e historia de comunicación: un recorrido teórico por Paul Ricoeur”.

Y hablando de tiempo, el tiempo atemporal es el hilo conductor de Paola Madrid Sartoretto y Markus Lundström en su análisis de cómo las plataformas digitales modifican la acción colectiva y la movilización social en América Latina, en “Memoria colectiva y movilización en un tiempo atemporal”. Lo colectivo también está en evidencia en el siguiente artículo, “Memoria y olvido como señal de lucha: informes de campesinos brasileños y angoleños”, escrito por Flávia de Almeida Moura y Larissa Leda Rocha, en el cual las autoras cruzan relatos de campesinos brasileños y angoleños. A partir de ahí, reflexionan “sobre las relaciones entre comunicación y memoria basadas en el trabajo de campo, en entrevistas y observaciones, realizadas en el estado de Maranhão y en tres provincias del sur de Angola: Benguela, Huambo y Huíla”.

Lo digital y lo impreso componen los objetos de investigación de los dos artículos siguientes. “Memoria, historia y narrativas: el recuerdo del 11 de septiembre en Twitter”, por Rosali Maria Nunes Henriques y Christina Ferraz Musse, discute, a partir de los comentarios en esta red social sobre el 11 de septiembre, los conceptos de historia, memoria y narrativa de la contemporaneidad. Netília Silva dos Anjos Seixas y Jessé Andrade Santa Brígida, en “Zona de contactos de la memoria: impresos del siglo XIX, Pará, Brasil”, observan, en los periódicos publicados en el interior del estado de Pará, en el siglo XIX, cuáles memorias sobre lo local emergen de los enunciados y de las enunciaciones.

A continuación, pasamos de la investigación de las diferencias entre los medios como catalizadores de significados de la memoria para la memoria de las organizaciones y la comprensión del papel de la narrativa en la memoria y en la historia, en “Memorias e historia narrativizada: estrategias comunicacionales en organizaciones de Renault y Petrobras”, de Larissa Conceição dos Santos, y “Comunicación y memoria organizacional: para más allá de la producción de narrativas representativas”, de Renata Andreoni y Cleusa Maria Andrade Scroferneker.

Mónica Rebecca Ferrari Nunes y Marco Antonio Bin recuperan los relatos de radiofónicos transmitidos en el día del golpe militar en Chile en recuperación y edición del Museo de La Memoria y los Derechos Humanos (nuevamente tenemos la memoria de dictaduras no tan distantes en la historia de América Latina), en “Socialismo con olor a empanadas y vino tinto: memorias de radio del derrocamiento de Salvador Allende”. En seguida, un artículo que trata sobre los “Orígenes de la problemática teórica de la falsa noticia en el pensamiento periodístico de Europa y América”, de Francisco Rüdiger, que se vale de la historia de las ideas y considera dos escenarios, el europeo y el norteamericano. Las “falsas noticias” que pueden, contemporáneamente, poner en riesgo a las democracias, no son tan nuevas así en la historia del periodismo.

Valentina Arias, autora de “De la *carte-de-visite* al *sexting*: historia de la representación sexual del cuerpo femenino”, abarca desde los registros fotográficos victorianos hasta prácticas sexuales digitales para investigar la relación entre la imagen y la sexualidad del cuerpo femenino. En otra dirección, “Mediatización en una perspectiva genealógica: el CAVE y la historia de los medios de comunicación evangélicos en Brasil”, de Marcio Tavares D’Amaral y Priscila Vieira-Souza, investiga, “en perspectiva genealógica, cómo los medios de comunicación evangélicos se desarrollaron en el país, examinando las condiciones de mediatización de este segmento social”.

La radio reaparece como conductora de la memoria en los siguientes dos artículos: “Radiodifusora Nacional de Colombia: desencuentros en los ideales de la ‘alta cultura’”, por José Perilla, que se centra en la programación de la Radio Nacional de Colombia (RNC) durante el siglo XX, y “Apuntes para la historia de la radio comunitaria en México”, de Juan Daniel Montaña Rico. México es también el gancho para el siguiente trabajo, de Héctor Daniel Torres Martínez, quien documenta y analiza las principales experiencias de la prensa guerrillera mexicana en “Comunicación y revolución: análisis de la prensa guerrillera en México durante la segunda mitad del siglo XX”.

Glauber Tiburtino e Igor Sacramento contribuyen con “¿Correr para vivir más? El método *Cooper* y la construcción discursiva de la corrida como práctica de la salud en la prensa de Río de Janeiro (1970-1979)”, concluyendo que “la popularización del atletismo callejero está relacionada con los avances en el proceso de medicalización de la vida cotidiana, que tiene como una de las consecuencias la responsabilización individual para la salud a partir de las elecciones de estilo de vida”. Nada más actual. Nada más actual, también, que reflexionar sobre la muerte y su memoria mediatizada, teniendo como caso emblemático el asesinato del periodista Vladimir Herzog por la dictadura brasilera. En tiempos de odio hacia la prensa y los periodistas, “La muerte y la producción de la memoria mediatizada: acontecimiento y conmemoración sobre ‘Vladimir Herzog’”, por Marcella Maria Monteiro Vieira y Renata Rezende Ribeiro, hace parte de una investigación ampliada, que investiga narrativas de muerte en diferentes espacios mediáticos. La muerte también aparece en “Leer periódicos. Aprender historia. El descubrimiento de la tumba del faraón Tutankhamon en la prensa portuguesa”, de José das Candeias Sales y Susana Mota, que profundiza la relación entre los medios de comunicación y la arqueología, así como las concepciones de la historia, en particular la del antiguo Egipto.

Cuanto más avanzamos hacia el final del dossier, se hace cada vez más evidente la importancia de la memoria traspasando el tiempo presente y sus desdoblamientos. En “Periodismo, crisis social y polarización política: Chile 1970-1973”, Eduardo Luis Santa Cruz propone una interpretación del fenómeno de la polarización política basada en el periodismo como actor social y político. Iñigo Fernández enfrenta las dificultades del campo emergente de la historia digital en México en “Retos que afronta la historia digital en México”, señalando los desafíos epistemológicos, formativos y tecnológicos del emprendimiento.

“Los usos de la historia en los comienzos de la radio argentina”, refleja, a su vez, Sylvia Saïtta, sobre el papel de la radiodifusión y el radioteatro histórico en los años 30 como un medio de afirmación de la identidad nacional argentina, en un período de consolidación de industrialización en aquel país. También es la Argentina el territorio del siguiente artículo, “Comunicación pública de la ciudad como territorio de identidades, historias y memorias”, de Malvina Eugenia Rodríguez, quien toma el barrio de la ciudad de Villa María como territorio para la observación de narrativas ciudadanas, en una investigación colaborativa entre la municipalidad y la universidad pública.

Los dos artículos que cierran el dossier de esta edición se dedican a ir más allá de las fronteras de América Latina. “De las calles de Madrid a las fondas de Santiago: dos poetas ciegos ante una guerra caribeña (1895-1898)”, escrito por Jaddiel Díaz Frene, explora la formación de una esfera pública transnacional en las calles de Madrid y Santiago de Chile, a partir de las hojas sueltas sobre la guerra de la independencia de Cuba (1895). Finalizando, Guilherme Curi avanza aún más, con “Más allá de las fronteras: la Liga Andaluza de Letras Árabes en Brasil en el siglo XX”, que se vuelve para la “historia de la literatura y el Renacimiento árabe moderno”, y señala que sus momentos decisivos ocurrieron en la diáspora, cuyo principal representante es precisamente la Liga Andaluza de Letras Árabes, compuesta por intelectuales inmigrantes sirio-libaneses. Terminamos el dossier con varias relaciones, conexiones y comparaciones entre comunicación e historia, con un panel diverso de artículos que se concentran en varios aspectos, históricos y también contemporáneos, sobre el tema al cual está dedicado.

En la sección “Artículos libres”, Danilo Rothberg y Laís Alves Prates analizan la gobernanza hídrica, un recurso que se muestra preocupante con cada vez más períodos de sequía o lluvia fuera de lo normal en el estado de São Paulo: “Comunicación pública y gobernanza hídrica: la calidad de la información en la gestión participativa de las aguas”. Dirigiéndose a Río de Janeiro, en “Reformas urbanas en Río de Janeiro: contextos discursivos de resignificación del Porto Maravilha”, Vania Oliveira Fortuna, Ricardo Ferreira Freitas y Érica Oliveira Fortuna investigan “el amplio contexto discursivo de la ‘revitalización’

de la zona portuaria de Río de Janeiro, el Porto Maravilha”.

En “La comunicación en el trabajo: lazos entre Brasil y Francia”, Claudia Nociolini Rebechi, discute las relaciones de las perspectivas de los dos países en la actividad de “relaciones públicas en la primera mitad del siglo XX, especialmente en los años 1950 y 1960”. Por lo tanto, un salto para la narrativa transmediática y gamificada de “Bienvenido al nuevo mundo: sumergiéndolo en la narrativa gamificada de la serie de televisión *Westworld* (WW)”, de Lynn Rosalina Gama Alves. Al cerrar la sesión, “El discurso publicitario dirigido a niños en comerciales de juguetes: la cristalización del binarismo de género”, de Manoela Pagotto Nodari y Priscilla de Oliveira Martins-Silva, examina cómo “las relaciones de género han sido explotadas en el discurso dirigido a los niños en comerciales de juguetes”. Tema controvertido, pero de extrema importancia, porque llama la atención hacia la construcción de estereotipos del comportamiento humano reproducidos desde esa tierna edad.

Al llegar a la sección “Entrevista”, nos sentimos honrados de contar con la entrevista realizada por Eduardo Gutiérrez con Jesús Mariín-Barbero personalmente, días antes del aislamiento social impuesto por la circulación del nuevo coronavirus. “Constelaciones de memoria e historia: una entrevista a destiempos con Jesús Martín-Barbero” nos habla, de manera lúcida, sobre cuestiones contemporáneas y sobre un enigma que flota sobre el Brasil desde 2018: ¿lo qué es la nueva política? “La nueva política es la que asuma realmente las mayorías que son los que no cuentan. No son solo los pobres, ellos cuentan, pero hay otros que ya no cuentan. Hace años vengo disfrutando la polisemia del verbo contar en castellano, es saber narrar tu vida, tu lucha; es también ser tenido en cuenta y también es saber hacer cuentas. Saber contar nuestro cuento para ser tenidos en cuenta a la hora de las cuentas”. Para aprender más, vale la pena leer la entrevista.

Finalmente, “La experimentación como resistencia estética en el contexto de la ficción televisiva”, un texto escrito por Anderson Lopes da Silva, trata del libro *Reimagining Brazilian television: Luiz Fernando Carvalho's contemporary vision*, de Eli Lee Carter, destaca el trabajo de Luiz Fernando Carvalho como uno de los directores más activos del Brasil. “Aquí son discutidos cómo el modo sui generis de producción de este director y su desarrollo de una estética experimental han sido vistos como una posible reacción al género dominante de la telenovela en la programación televisiva de la más importante emisora nacional (TV Globo)”, comenta Lopes.

Con este número, la *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* celebra sus 15 años de existencia y esperamos que continúe siendo una publicación científica constructiva, base para el debate sobre los principales temas contemporáneos e históricos de las ciencias de la comunicación. Que nuestros lectores puedan realizar una lectura tranquila de la memoria y la comunicación que se entrelazan en nuestras vidas colectivas y personales.

Queremos expresar nuestros agradecimientos a todos aquellos que contribuyeron para que lleguemos a este número 32: a los autores, por enviar sus trabajos; a los revisores, por su importante contribución; y a los miembros del equipo editorial, por su dedicación de siempre. Un reconocimiento especial a los coordinadores del dossier de esta edición por el importante trabajo realizado durante todo el proceso de producción.

¡Buena Lectura!

Margarida Maria Krohling Kunsch
Maria Cristina Palma Munglioli
Daniela Osvald Ramos
Editoras